

A TRIÁDE CULTIVAR, CIVILIZAR E MORALIZAR EM KANT

*Paulo César Nodari**

Resumo: Kant afirma que o homem é um ser determinado pela razão a viver numa sociedade com outros homens e, por meio da arte, da ciência e da educação, ele precisa levar adiante a tarefa de cultivar-se, civilizar-se e moralizar-se. Este trabalho tem o propósito de refletir como Kant pensa a articulação da tríade: cultivar, civilizar e moralizar. No que se refere ao aspecto da condição física do gênero humano enquanto busca pela sua sobrevivência constata-se a saída da condição natural e a progressiva entrada à condição cultural. E isso, segundo Kant, acontece, por um lado, porque as disposições naturais do homem devem desenvolver-se, paulatina e progressivamente, no gênero humano e não apenas no indivíduo enquanto tal, mas, também, por outro lado, porque há o enfraquecimento da força quanto aos laços de convivência, surgindo, pois, a necessidade de fortalecê-la no estado social. Quanto ao segundo elemento da tríade, à luz da declaração kantiana da insociável sociabilidade, isto é, da disposição para o bem, como também da propensão para o afastamento e isolamento, revela-se, segundo Kant, o plano oculto da natureza, que é o de fazer com que o homem desenvolva suas predisposições à sociabilidade. Porém, para que a referida concepção se realize e se efetive progressivamente, faz-se urgente a ordem de direito na sociedade, precisando haver, pois, uma ordem civil capaz de administrar os direitos dos cidadãos, rumando em direção ao de uma constituição civil republicana. Por fim, num terceiro momento, lembrando que, no segundo momento, aconteceu a passagem da animalidade à humanidade, mas ainda não a passagem à personalidade, uma vez que, no segundo momento, dá-se a contrição pela lei, mas não ainda a moralização, a qual se constitui, para Kant, no estágio mais elevado. Recordando, portanto, ser característica do homem, enquanto ser racional, desenvolver as disposições que lhe são inerentes, trata-se do dever de cada homem de produzir em si a moralidade, pois as disposições naturais do ser humano não se desenvolvem por si mesmas, exigindo, por sua vez, educação, que se constitui como processo referente à moral. O homem tem, por conseguinte, a necessidade de estar submetido à vontade que seja válida universalmente, a fim de que todos possam ser livres. E isso, justamente, porque é à moralização do homem que devem convergir todos os esforços em educação. Logo, aprender a ser homem significa aprender a deixar-se progressivamente guiar pela lei moral.

Palavras-chave: Kant, cultivar, civilizar, moralizar.

* Professor do PPGFIL-UCS. paulocesarnodari@hotmail.com

Kant¹ afirma que o homem é um ser determinado pela razão a viver numa sociedade com outros seres humanos e através da arte e da ciência levar adiante a tarefa de cultivar-se, civilizar-se e moralizar-se². Quer-se, nesta reflexão, aprofundar como tais passos acontecem e estão concatenados no pensamento kantiano. No que se refere ao primeiro aspecto, ou seja, à condição física do gênero humano enquanto busca pela sua sobrevivência vê-se a saída da condição natural e a progressiva entrada na condição cultural. Isso se dá, sobremaneira, por um lado, porque as disposições naturais do homem devem desenvolver-se, paulatina e progressivamente, no gênero (*Idee* A388), mas, também, por outro lado, porque há o enfraquecimento de força (*Anthropologie* B321/A234), surgindo, pois, a necessidade de fortalecê-la. Antes de tudo, de quaisquer outras afirmações, valiosa e elucidativa é a afirmação da primeira proposição Kantiana do texto de 1784, lembrando que na primeira proposição é clara a influência da biologia na concepção kantiana. A primeira proposição funda a realidade da espécie em continuidade ao desenvolvimento de suas disposições originárias³. Afirma Kant na primeira proposição do texto de 1784:

Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim. Em todos os animais isto é confirmado tanto pela

¹ As abreviaturas a serem utilizadas neste texto são extraídas da obra organizada por Wilhelm Weischedel. KANT, Immanuel. *Kants Werke*. Werke in sechs Bänden. Besondersausgabe, Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt: Darmstadt, 1998. *Anthropologie in pragmatischer Hinsicht* (Anthropologie); *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht* (Idee); *Kritik der Urteilskraft* (KU); *Metaphysik der Sitten*. (Tugendlehre) (MdST); *Religion innerhalb der Grenzen der bloßen Vernunft* (Religion); *Über Pädagogik* (UP); *Zum ewigen Frieden* (ZeF).

² "Die *Summe* der pragmatischen Anthropologie in Ansehung der Bestimmung des Menschen und die Charakteristik seiner Ausbildung ist folgende. Der Mensch ist durch seine Vernunft bestimmt, in einer Gesellschaft mit Menschen zu sein, und ihr sich durch Kunst und Wissenschaft zu *kultivieren*, zu *zivilisieren*, und zu *moralisieren*; wie groß auch seine tierischer Hang sein mag, sich den Anreizen der Gemächlichkeit und des Wohllebens, die er Glückseligkeit nennt, *passiv* zu überlassen, sonder vielmehr tätig, im Kampf mit den Hindernissen, die ihm von der Rohigkeit seiner Natur anhängen, sich der Menschheit würdig zu machen." (Anthropologie B318-319/A321).

³ Cf. CASTILLO, Monique. *Kant et l'avenir de la culture*. Avec une traduction de Réflexions de Kant sur l'anthropologie, la morale et le droit. Paris: PUF, 1990, p. 110.

observação externa quanto pela interna ou anatômica. Um órgão que não deva ser usado, uma ordenação que não atinja o seu fim são contradições à doutrina teleológica da natureza. Pois, se prescindirmos desse princípio, não teremos uma natureza regulada por leis, e sim um jogo sem finalidade da natureza e uma indeterminação desconsoladora toma o lugar do fio condutor da razão (*Idee* A388)⁴.

Kant acredita que o ser humano, diferentemente dos animais que procedem instintivamente, como, por exemplo, os castores, as abelhas ou as formigas (*Idee* A387; *Anthropologie* B327/A329), não obstante seja ele caracterizado por Kant como um animal racional (*Anthropologie* B316/A318-319) e, em analogia à organização e à teleologia natural, segue ele um propósito da natureza (*Idee* A387). Afirma Kant:

A natureza não faz verdadeiramente nada de supérfluo e não é perdulária no uso dos meios para atingir seus fins. Tendo dado ao homem a razão e a liberdade da vontade que nela se funda, a natureza forneceu um claro indício de seu propósito quanto à maneira de dotá-lo. Ele não deveria ser guiado pelo instinto, ou ser provido e ensinado pelo conhecimento inato; ele deveria, antes, tirar tudo de si mesmo. (*Idee* A390)⁵.

A natureza providenciou a organização do gênero humano sobre a Terra. *Providência* da natureza não significa para Kant a preocupação com a descrição exata e detalhada de fatos empíricos. A natureza, ainda que de

⁴ "Alle Naturanlagen eines Geschöpfes sind bestimmt, sich einmal vollständig und zweckmäßig auszuwickeln. Bei allen Tieren bestätigt dieses die äußere sowohl, als innere oder zergliedernde, Beobachtung. Ein Organ, das nicht gebraucht werden soll, eine Anordnung, die ihren Zweck nicht erreicht, ist ein Widerspruch in der teleologischen Naturlehre. Denn, wenn wir von jenem Grundsatz abgehen, so haben wir nicht mehr eine gesetzmäßige, sondern eine zwecklos spielende Natur; und das trostlose Ungefähr tritt an die Stelle des Leitfadens der Vernunft." (*Idee* A388).

⁵ "Die Natur tut nämlich nichts überflüssig, und ist im Gebrauche der Mittel zu ihren Zwecken nicht verschwenderisch. Da sie dem Menschen Vernunft und darauf sich gründende Freiheit des Willens gab: so war das schon eine klare Anzeige ihrer Absicht in Ansehung seiner Ausstattung. Er sollte nämlich nun nicht durch Instinkt geleitet, oder durch anerschaffene Kenntnis versorgt und unterrichtet sein; er sollte vielmehr alles aus sich selbst herausbringen." (*Idee* A390).

maneira provisória, providenciou a organização do gênero humano sobre a Terra. Afirma, então Kant, no *ZeF*:

A organização provisória da natureza consiste em que ela: 1) providenciou que os homens em todas as partes do mundo possam aí mesmo viver; 2) através da *guerra*, levou-os mesmo às regiões mais inóspitas, para as povoar; 3) também por meio da guerra, obrigou-os a entrar em relações mais ou menos legais. (*ZeF* BA52)⁶.

Vê-se, assim, a disposição natural do gênero humano em buscar sua sobrevivência, adaptação e expansão. Caracteriza-se tal fase pela busca da sobrevivência e também expansibilidade. Nessa perspectiva, com Kant, pode-se dizer que o ser humano, como ser natural, precisa dar um passo adiante, tornando-se, assim, cultural. Na *KU*, Kant é suficientemente claro ao afirmar que o homem precisa ser visto não apenas com um fim da natureza, como todos os outros seres organizados, senão também como o seu fim último. Deve-se, segundo Kant, buscar no homem mesmo o fim que supõe sua relação com a natureza, não podendo estar, por isso, na natureza como tal (*KU* §82).

Três são as características ou as funções da capacidade racional do homem, a saber, preservação dos indivíduos e da espécie que se dá, sobretudo, pela educação no sentido de passar os conhecimentos adquiridos de espécie a espécie, o que significa que o gênero humano é capaz de autodeterminação. Disso tem-se, então, a predisposição técnica, que corresponde à função de preservação de si e da espécie e corresponderia à animalidade. A predisposição em seu segundo nível é a pragmática e corresponderia à cultura, ou seja, à

⁶ "Ihre provisorische Veranstaltung besteht darin: daß sie 1) für die Menschen in allen Erdgegenden gesorgt hat, daselbst leben zu können; 2) sie durch *Krieg* allerwärts hin, selbst in die unwirtbarste Gegenden, getrieben hat, um zu bevölkern; 3) durch eben denselben sie in mehr oder weniger gesetzliche Verhältnisse zu treten genötigt hat." (*ZeF* BA52).

humanidade enquanto tal e seria a capacidade humana de cultura em direção à perfectibilidade. Só para lembrar, o terceiro nível é a predisposição à personalidade corresponderia à função de governar a sociedade por meio de leis enquanto dados por seres racionais⁷.

Neste segundo nível, a saber, no nível da cultura, de acordo com Kant, em comparação aos outros animais, o homem tem algo de especial e seu. Ele tem uma história coletiva, a qual é por ele feita, ou caso se queira, construída, por cultivar, civilizar e moralizar a si mesmo. A razão faz progredir e desenvolver-se continuamente o ser humano, inclusive, com a possibilidade de discordar, ao que Kant chama de antagonismo ou de insociabilidade⁸. Segundo Wood, em Kant a concepção da natureza humana é a concepção de uma história coletiva. Esta é construída livremente, sendo fruto também de certa força contra sua própria propensão à insociabilidade em direção a uma comunidade livre e universal. Essa é, por sua vez, uma visão bem específica e bem característica do Século XVIII⁹.

Portanto, do impulso à habitação de toda a terra, a natureza impulsionou a passagem à condição política, pois, com o cultivo da terra em

⁷ "‘Cultivation’ is the historical development of our *technical* predisposition to devise means to our ends (most basically, our end of self-preservation); ‘civilization’ is the historical development of our *pragmatic* predisposition to pursue our total well-being or happiness through modes of life involving other people that can be transmitted from each generation to the next through tradition and education; ‘moralization’ is the development of our predisposition to *personality*, devising and striving to obey rational laws through which the terms of people’s social interactions themselves are made rational, and human society becomes a *system* of ends united and combined – what the principle of morality calls a ‘realm of ends’" (AK 4: 433)." (WOOD, Allen W. Kant and the Problem of Human Nature. In: JACOBS, Brian; KAIN, Patrick (Ed.). *Essays on Kant’s Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003, p. 53).

⁸ "Human beings are sociable creatures in the sense that their animality makes them seek out members of their own kind, both for reproduction and for cooperative activities relating to their survival. But beyond this, they are also social creatures insofar as they possess the rational capacity to be self-aware and to esteem themselves. For as nature has made them, this self-esteem is combined with a competitive impulse to seek a superior status in relation to other human beings, and to wish that things might go as I will them rather than as others will them to go." (WOOD, Allen W. Kant and the Problem of Human Nature. In: JACOBS, Brian; KAIN, Patrick (Ed.). *Essays on Kant’s Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003, p. 54).

⁹ Cf. WOOD, Allen W. Kant and the Problem of Human Nature. In: JACOBS, Brian; KAIN, Patrick (Ed.). *Essays on Kant’s Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003, p. 56.

todas as suas partes, foi preciso regularizar a situação dos homens, para que eles pudessem viver juntos. Ou seja, não existe desenvolvimento humano cultural automático. Passa-se da finalidade da natureza à finalidade do ser humano, ou seja, à condição cultural. O desenvolvimento cultural, ou seja, o crescimento cultural é fruto do ser racional e não da força natural. Embora a guerra tenha impulsionado a expansão e habitação de toda a terra, a guerra está ligada ao impulso da honra, do egoísmo e do poder. A guerra é má, porque maus são seus princípios e maus são seus efeitos. Logo, se, num primeiro momento, Kant vê que a guerra força os homens a se dispersarem pela terra, ocupando-a, num segundo momento, a guerra é um momento para forçar os povos a se juntarem e a se unirem em leis civis. Se as tendências não conseguiram unir os homens, agora, o perigo da guerra o força à união¹⁰. Nesse sentido, a disciplina vai fazendo com que o homem se liberte do despotismo dos apetites que o forçam e o aprisionam a determinados desejos e objetos, fazendo-o incapaz de eleger por si mesmo¹¹. Assim, a *insociável sociabilidade* é fundamental para o espírito de progresso em Kant. A oposição de forças entre a ambição, a ânsia de dominação e a ganância impulsionam o homem para a cultura em seu segundo passo.

Trata-se no segundo passo de transformar as disposições em comportamento ético, constituindo-se como um passo, mas não ainda a moralidade mesma¹². Nesse sentido, a guerra pode ser considerada o impulso que conduz ao estado civil. É a astúcia da natureza que impulsiona ao progresso. Num primeiro momento, para Kant, a guerra força os homens a se

¹⁰ "Así las guerras en la intención de la naturaleza, no los hombres, son siempre una sacudida violenta y llamada al orden por parte de su astucia para que los hombres primero, y después los Estados, se decidan a realizar lo que la razón les prescribe como deber. La naturaleza, 'la gran artista' (EF VIII, 360), es pues el artifice que garantiza la realización de la paz perpetua por el mecanismo de las inclinaciones humanas y por la guerra." (HERRERO, Francisco Javier. *Religión e historia* en Kant. Madrid: Editorial Gredos, 1975, p. 187).

¹¹ Cf. HERRERO, Francisco Javier. *Religión e historia* en Kant. Madrid: Editorial Gredos, 1975, p. 180.

¹² Cf. HERRERO, Francisco Javier. *Religión e historia* en Kant. Madrid: Editorial Gredos, 1975, p. 184.

dispersarem pela terra, ocupando-a. Num segundo, porém, a guerra é um momento novo, é um momento para forçar os povos a se juntar e a se unir em leis civis. Se as tendências não conseguiram unir os homens, agora, o perigo da guerra os força à união. E a terceira força é a da união entre os estados numa sociedade cosmopolita, numa aliança de povos¹³.

À luz da declaração kantiana da *insociável sociabilidade*, isto é, das disposições e inclinações para o bem, como também a propensão para o afastamento, ao isolamento, revela-se o plano oculto da natureza, a saber, fazer com que o homem desenvolva suas predisposições à sociabilidade. Mas para que tais idéias sejam postas em prática faz-se necessário, noutras palavras, introduzir a ordem do direito na sociedade. Deve haver uma ordem civil universal capaz de administrar os direitos dos cidadãos¹⁴. Isso significa dizer que o progresso humano ruma em direção ao de uma constituição perfeita e plena de paz está presente nos fins da natureza na história¹⁵. Já na proposição oitava do texto de 1784, Kant afirma a urgência e a necessidade de se trabalhar juntos em direção a realizar o fim de uma constituição civil perfeita com justiça entre os seres humanos e para este fim todos são convidados a buscar uma ordem que garanta a paz entre os indivíduos e entre os Estados (*Idee* A403-407). Trata-se do chiliasmo filosófico (*Idee* A404), ou seja, é a meta do progresso sob o olhar prospectivo na espera, assim, da condição de paz perpétua, fundada numa aliança de Estados¹⁶.

Acerca do chiliasmo filosófico, Weyand afirma que a oitava proposição do texto de 1784 reúne os resultados até então encontrados. Trata-

¹³ Cf. HERRERO, Francisco Javier. *Religión e historia* en Kant. Madrid: Editorial Gredos, 1975, p. 185.

¹⁴ "This civil society, characterized by a coercive power protecting rights and property, is the political state. It is a voluntary creation of human beings themselves, and is subject to ideal rational principles (of right or justice) that people are capable of recognizing and obeying; but in promoting the full development of our species predispositions, the establishment of a political state also accords with natural teleology." (WOOD, Allen. W. *Kant*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2005, p. 118).

¹⁵ Cf. WOOD, Allen. W. *Kant*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2005, p. 119.

¹⁶ Cf. HERRERO, Francisco Javier. *Religión e historia* en Kant. Madrid: Editorial Gredos, 1975, p. 200.

se da condição de possibilidade para o desenvolvimento da situação humana. Contudo, na experiência é quase impossível perceber e ver todas as condições possíveis de tal desenvolvimento. Kant procura desenvolver uma espécie de chiliasmo filosófico, ou seja, mostrar o contínuo desenvolvimento e progresso para o melhor. Seis aspectos são importantes de recordação. O primeiro é o aspecto do *poder*, sobretudo, econômico, ou seja, a filosofia da história vista sob o aspecto econômico e sua influência. O segundo é o desenvolvimento da liberdade civil com o processo do esclarecimento, ou seja, da saída de menoridade à maioridade. O terceiro é a liberdade religiosa que se buscou ter no Século XVIII na Europa. O quarto seria a política do governo no sentido de princípios de respeito diante da liberdade religiosa e liberdade civil esclarecidas. O quinto seria a educação das crianças contando com o dinheiro que iria para as guerras, uma vez que, segundo Kant, o dinheiro mais mal investido seria nas guerras e, por sua vez, a educação é o único meio de fazer com que o homem saía de sua animalidade e se torne um homem. O sexto seria a aliança ou a liga dos povos¹⁷.

Mas, para que seja possível fundar a paz para sempre, é imprescindível estar sobre a fundação do direito (*ZeF* B95/A89). Nessa perspectiva, declara Kant:

Agora, surge a questão que concerne ao essencial do propósito da paz perpétua: 'O que a natureza neste designio faz em relação ao fim, que a razão impõe ao homem como dever, por conseguinte, para a promoção da sua *intenção moral*, e como a natureza subministra a garantia de que aquilo que o homem *devia* fazer segundo as leis da liberdade, mas que não faz, fica assegurado de que o fará, sem que a coação da natureza cause dano a esta liberdade; e isto fica assegurado precisamente segundo as três relações do direito público, o *direito político*, o *direito das gentes*, e o *direito cosmopolita*.' Quando digo que a natureza quer que isto ou aquilo ocorra não significa que ela nos imponha um dever de o fazer (pois isso

¹⁷ Cf. WEYAND, Klaus. Kants Geschichtsphilosophie. Ihre Entwicklung und ihr Verhältnis zur Aufklärung. Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades der Philosophischen Fakultät der Universität Köln. Köln, 1960, p. 101.

só o pode fazer a razão prática isenta de coação), mas que ela própria o faz quer queiramos quer não (*fata volentem ducunt, nolentem trahunt*). (Zef B58-59/A58)¹⁸.

Esse segundo passo, a saber, o da civilização está ligado ao processo de passagem à moralização. Assim, para Kant, política e moral estão vinculadas e não separadas, ou seja, não se contrapõem, antes, pelo contrário, complementam-se¹⁹. A civilização é pensada delimitada ao domínio da legalidade, caracterizando-se como uma espécie de instrumento de uma autêntica reforma dos costumes, tornando-se, de certa forma, propedêutica da moralidade, uma vez que o progresso é pensando em conformidade à disposição moral. Kant tem convicção de que o gênero humano caminha rumo à perfeição²⁰, sendo a mesma não determinada pela natureza, mas pela liberdade, lembrando, contudo, que a moralização não prescinde da natureza, mas não se determina *pela* e *da* natureza. A natureza pode apenas preparar o caminho para o desenvolvimento da moralidade²¹. Nos âmbitos, tanto da cultura, como também da natureza, ou também, dos egoísmos próprios de

¹⁸ "Jetzt ist die Frage, die das Wesentliche der Absicht auf den ewigen Frieden betrifft: ‚Was die Natur in dieser Absicht, beziehungsweise auf den Zweck, den dem Menschen seine eigene Vernunft zur Pflicht macht, mithin zu Begünstigung seiner *moralischer Absicht* tue, und wie sie die Gewähr leiste, daß dasjenige, was der Mensch nach Freiheitsgesetzen tun *sollte*, aber nicht tut, dieser Freiheit unbeschadet auch durch einen Zwang der Natur, daß er es tun werde, gesichert sei, und zwar nach allen drei Verhältnissen des öffentlichen Rechts, des *Staats-, Völker- und weltbürgerlichen Rechts*.‘ Wenn ich von der Natur sage: sie wil, daß dieses oder jenes geschehe, so heißt das nicht soviel, als: sie legt uns eine Pflicht auf, es zu tun (denn das kann nur die zwangsfreie praktische Vernunft), sondern sie tut es selbst, wir mögen wollen oder nicht (*fata volentem ducunt, nolentem trahunt*).“ (Zef B58-59/A58).

¹⁹ "Mais se le *progrès* de la civilisation est élevé au rang d'un problème philosophique par la pensée kantienne de l'histoire et du droit, c'est que cette légalisation forcée des actions doit être pensée comme un mouvement de perfectionnement, comme l'itinéraire d'une amélioration, susceptible d'une évaluation pratique et capable d'annoncer ou de prophétiser une humanité morale à venir." (CASTILLO, Monique. *Kant et l'avenir de la culture*. Avec une traduction de Réflexions de Kant sur l'anthropologie, la morale et le droit. Paris: PUF, 1990, p. 132).

²⁰ "Il faut que le genre humain dans son ensemble puisse être considéré comme le sujet d'une espérance de perfection." (CASTILLO, Monique. *Kant et l'avenir de la culture*. Avec une traduction de Réflexions de Kant sur l'anthropologie, la morale et le droit. Paris: PUF, 1990, p. 133).

²¹ Cf. STOLZ, Violetta. *Geschichtsphilosophie bei Kant und Reinhold*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010, p. 101.

cada homem tem-se a contraposição da submissão aos contratos e às leis²². O antagonismo dos egoísmos se encontra frente a frente com o contrato comum da civilização. Assim, a sociedade constitui-se no órgão da cultura humana que tem exatamente por fonte a transformação das tendências egoístas em talento, em direção ao progresso. Nesse segundo passo pensa-se num modo de transformar as disposições naturais num comportamento ético, constituindo-se como um momento, mas não ainda a moralidade mesma.

Neste segundo momento deu-se a passagem da *animalidade* à *humanidade*, mas ainda não a passagem à personalidade. Trata-se do momento da contrição pela lei. Esse momento é de importância fundamental para que se possa compreender a passagem ao momento da moralização. Nesse sentido, urge compreender o sentido dado por Kant à cultura no texto que trata da educação das crianças. Os pais precisam tomar cuidado na educação dos filhos, para evitar que as crianças façam uso nocivo de suas forças e inclinações animais, e acabem caindo na selvageria, isto é, na independência de qualquer lei e na ausência de disciplina, acarretando, conseqüentemente, a possibilidade do homem se desviar do seu destino, a *humanidade* (UP A3). Segundo Kant, “quem não tem disciplina ou educação é um selvagem” (UP A8). “A selvageria consiste na independência de qualquer lei. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis” (UP A3). O homem, nesse sentido, é um ser que necessita disciplinar-se²³, já que, em última análise, é “a disciplina que transforma a animalidade em

²² “On a vu que dans l’histoire naturelle le rôle de la nature artiste est de produire un accord entre les réalités finales que sont les dispositions humaines et la causalité extérieure de la nature physique. Tout recours à la causalité ne peut s’autoriser, d’après les réquisits critiques, que de la faculté de juger réfléchissante. Pour justifier la fécondité des luttes à l’intérieur de la société, il faut donc supposer un usage réfléchissant du jugement, qui se place lui-même au niveau de la totalité sociale afin d’en sélectionner les causas pertinentes et efficaces.”» (CASTILLO, Monique. *Kant et l’avenir de la culture*. Avec une traduction de Réflexions de Kant sur l’anthropologie, la morale et le droit. Paris: PUF, 1990, p. 137).

²³ Cf. VANDEWALLE, Bernard. *Kant: educación y crítica*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2004, p. 19.

humanidade” (UP A2), isto é, procura “impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria” (UP A22). Assim sendo, a disciplina, ainda que somente negativa, produz o efeito positivo de acostumar o homem, desde cedo, à contrição das leis. Forma nele o hábito de submeter-se às prescrições da razão (UP A4). E isso é de fundamental importância, uma vez que no homem, diferentemente do animal bruto, que age instintivamente, requer polimento devido à sua inclinação à liberdade (UP A5). “Mas o homem é tão naturalmente inclinado à liberdade que, depois que se acostuma a ela por longo tempo, a ela tudo sacrifica. Ora, esse é o motivo preciso, pelo qual é conveniente recorrer cedo à disciplina; pois, de outro modo, seria muito difícil mudar depois o homem. Ele seguiria, então, todos os seus caprichos” (UP A4). A natureza dotou o homem de razão e de liberdade. Porém, porque ele tem uma inclinação natural à liberdade, é necessário submeter o homem à contrição das leis e às prescrições da razão²⁴.

É, portanto, característica do homem desenvolver as disposições que lhe são inerentes. Dentre suas características está a da perfeição, ou seja, a disposição para o bem, mesmo que, na experiência, ainda não se a encontre em seu estágio mais perfeito (UP A10). Consequentemente, o dever do homem é “produzir em si a moralidade” (UP A14), pois as disposições naturais do ser humano não se desenvolvem por si mesmas. Exigem, por sua vez, educação²⁵. Exigem estar submetidas à razão. Requerem a formação do homem para que ele seja capaz de pensar pela sua própria cabeça. Ora, se à educação exige-se

²⁴ Cf. PERINE, Marcelo. A educação como arte segundo Kant. *Síntese*. n. 40, v. 15, 1987, p. 15.

²⁵ “Nesse sentido, a educação é a *conditio sine qua non* do tornar-se humano, mas não é, por isso, a *causa per quam*. No processo educacional é responsabilidade o tornar possível uma ação auto-responsável e, portanto, fazer com que a mesma se desenvolva” (EIDAM, Heinz. O princípio da arte da educação ou dez teses sobre a atualidade das reflexões de Kant sobre a pedagogia. In: DALBOSCO, Cláudio Almir (Org.). *Filosofia prática e pedagogia*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 99).

ensinar a pensar²⁶, então, a “educação é uma arte” (UP A13), porque, ainda que dependa da experiência, tanto a origem como o progresso da educação não são puramente mecânicos. Precisa, outrossim, tornar-se razoável²⁷. Em outras palavras, a pedagogia precisa se tornar razoável, porque ela deve desenvolver a natureza humana em vista da sua destinação, a saber, a idéia de *humanidade (Idee der Menschheit)*. Então, “enquanto causalidade por liberdade a pedagogia, que comporta um aspecto mecânico, é um processo razoável. Daí a necessidade de transformar o mecanismo em ciência, a fim de que a herança legada de uma geração a outra não seja destruída, mas progreda.”²⁸.

A educação é um processo que começa sempre de novo, mas não do zero (UP A13). É processo que diz respeito à moral, ou seja, à liberdade. “Uma boa educação é precisamente a fonte de onde brota todo bem neste mundo” (UP A18). Por isso, no homem há germes para o bem, conseqüentemente, “os germes que são depositados no homem devem ser desenvolvidos sempre mais” (UP A18-19), porque, quando as disposições naturais não estão submetidas às normas, surge o mal. A única causa do mal é que a natureza não está submetida a regras (UP A19). O homem tem, por conseguinte, a necessidade de estar submetido à vontade que seja válida universalmente, a fim de que possam ser livres. E isso, justamente, porque é à moralização do homem que devem convergir todos os esforços em educação. Logo, *aprender a ser homem* significa aprender a deixar-se progressivamente guiar pela lei moral. Numa palavra, significa a capacidade e a coragem de sair da menoridade, da

²⁶ “Aprender a pensar es saber no transformar um juicio provisorio em juicio definitivo, y reflexionar em vez de prejuizar.” (VANDEWALLE, Bernard. *Kant: educación y crítica*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2004, p. 86).

²⁷ Cf. PERINE, Marcelo. A educação como arte segundo Kant. *Síntese*. n. 40, v. 15, 1987, p. 18.

²⁸ Cf. Cf. PERINE, Marcelo. A educação como arte segundo Kant. *Síntese*. n. 40, v. 15, 1987, p. 19. “Kant exige, com isso, que deve haver também uma ciência para a arte da educação. A pedagogia deve se tornar um estudo, pois, caso contrário, não se pode esperar nada dela. Esse pensamento se refere, antes de tudo, à própria época de Kant” (EIDAM, Heinz. O princípio da arte da educação ou dez teses sobre a atualidade das reflexões de Kant sobre a pedagogia. In: DALBOSCO, Cláudio Almir (Org.). *Filosofia prática e pedagogia*. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 99).

qual cada um é culpado, e dar-se a própria lei de conduta (*Religion* A481), ou seja, a lei moral, porque *devemos* nos tornar homens sempre melhores (*Religion* B50/A46), sendo possível tão-somente se houver o firme propósito de prosseguimento do dever, e a isso denominamos *virtude*. O homem é virtuoso quando segue e observa as máximas do seu dever (*Religion* B53/A50). “*Virtude* é a fortaleza da máxima do ser humano no cumprimento de seu dever” (*MdST* A28). A virtude não pode ser vista como uma habilidade para ações livres em conformidade com a lei (*MdST* A49). Ser virtuoso não significa outra coisa senão agir sempre por respeito à lei moral, ou seja, por dever. Significa não ter outro motivo impulsor além da representação do dever (*Religion* B54/A50). Implica estar em contínua e permanente vigilância, porque, não obstante no homem a plena conformidade da vontade à lei moral seja inatingível, ainda assim, a aproximação constante é um dever (*MdST* A53).²⁹ Virtude é a “disposição moral em luta, e não santidade na pretensa posse de uma completa pureza das disposições da vontade” (KpV A151). A conversão, segundo Kant, só se torna possível mediante “uma *revolução* na disposição de ânimo no homem” (*Religion* B54/A50). É necessariamente uma *revolução* na *mentalidade*.³⁰ Virtude, em Kant, por conseguinte, é uma conquista, sendo esta possível tão-somente se houver em tal propósito coragem moral³¹, pois “a moralidade humana no seu grau mais elevado não pode ser nada mais do que virtude” (*MdST* A9), ou seja, uma conquista no sentido de que “o homem como ser moral tem por arquétipo a idéia racional pura de humanidade, e cuja forma de moralidade chama-se virtude, pela qual é pensada a prática ética de um homem real.”³² Em outras palavras, Kant pensa o homem agindo segundo a liberdade, de modo que este possa se orientar no mundo³³. Por isso, em tese, pensa-se

²⁹ Cf. ROHDEN, Valerio. O humano e racional na Ética. *Studia Kantiana*, v. 1, n. 1, 1998, p. 319.

³⁰ Cf. BRUCH, J.-L. *La philosophie religieuse de Kant*. Paris: Aubier, 1968, p. 81.

³¹ Cf. ROHDEN, V. O humano e racional na ética. *Studia Kantiana*, v. 1, n. 1, 1998, p. 320.

³² ROHDEN, V. O humano e racional na ética. *Studia Kantiana*, v. 1, n. 1, 1998, p. 313.

³³ Cf. PERINE, Marcelo. A educação como arte segundo Kant. *Síntese*. n. 40, v. 15, 1987, p. 22.

que o homem enquanto dotado de razão e de vontade deve tornar-se cada vez mais senhor de si e de suas próprias ações, de modo a fomentar um estado em constante paz e uma sociedade toda moralizada. Assim sendo, o verdadeiro protagonista da história não é, portanto, a natureza, mas a liberdade humana.

Referências bibliográficas:

- BRUCH, J.-L. *La philosophie religieuse de Kant*. Paris: Aubier, 1968.
- CASTILLO, M. *Kant et l'avenir de la culture*. Avec une traduction de Réflexions de Kant sur l'anthropologie, la morale et le droit. Paris: PUF, 1990.
- DALBOSCO, C. A. (Org.). *Filosofia prática e pedagogia*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- HERRERO, F. J. *Religión e historia en Kant*. Madrid: Editorial Gredos, 1975.
- KANT, I. *Kants Werke*. Werke in sechs Bänden. Besondersausgabe, Wissenschaftliche Buchgesellschaft Darmstadt: Darmstadt, 1998.
- KLEINGELD, P. *Fortschritt und Vernunft: Zur Geschichtsphilosophie Kants*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1995.
- PERINE, M. “A educação como arte segundo Kant”. In: *Síntese*. n. 40, v. 15, 1987.
- ROHDEN, V. “O humano e racional na ética”. In: *Studia Kantiana*, v. 1, n. 1, 1998.
- STOLZ, V. *Geschichtsphilosophie bei Kant und Reinhold*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 2010.
- VANDEWALLE, B. *Kant: educación y crítica*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2004.
- WEYAND, K. *Kants Geschichtsphilosophie. Ihre Entwicklung und ihr Verhältnis zur Aufklärung*. Inaugural-Dissertation zur Erlangung des Doktorgrades der Philosophischen Fakultät der Universität Köln. Köln, 1960.

WOOD, A. W. "Kant and the Problem of Human Nature". In: JACOBS, Brian; KAIN, Patrick (Ed.). *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003.

WOOD, A. W. *Kant*. United Kingdom: Blackwell Publishing, 2005.